



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
GRADUAÇÃO EM LETRAS**

BRUNA CAMÊLO MARTINS

**DUAS MULHERES EM BUSCA DE SI-CLARICE LISPECTOR E SUAS
EXPRESSÕES SOBRE O PATRIARCALISMO**

Porto Nacional - TO

2019

BRUNA CAMÊLO MARTINS

**DUAS MULHERES EM BUSCA DE SI-CLARICE LISPECTOR E SUAS
EXPRESSÕES SOBRE O PATRIARCALISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em letras da Universidade Federal do Tocantins como requisito para a aprovação na disciplina Trabalho Conclusão de Curso. Orientadora: Prof^a.Ms. Maria da Glória de Castro Azevedo.

Porto Nacional – TO

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C181d CAMELO MARTINS, BRUNA.

Duas Mulheres em Busca de Si - Clarice Lispector e suas Expressões sobre o Patriarcalismo.. / BRUNA CAMELO MARTINS. – Porto Nacional, TO, 2019.

33 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, 2019.

Orientadora : Maria da Glória De Castro Azevedo

1. Literatura. 2. Identidade. 3. Narrativa. 4. Autoria feminina. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

BRUNA CAMELO MARTINS

**DUAS MULHERES EM BUSCA DE SI – CLARICE LISPECTOR E SUAS EXPRESSÕES
SOBRE O PATRIARCALISMO**

Dissertação apresentada ao curso de Letras da
Universidade Federal do Tocantins requisito
para a aprovação na disciplina Trabalho
Conclusão de Curso.

Aprovada em: 05/ 12 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Orientador(a) Profa. Ms. Maria da Glória de
Castro Azevedo

Instituição: UFT – CÂMPUS PORTO

NACIONAL

Profa. Dr. Maria Perla Araújo Moraes

Examinador (a) Externo (a)

Instituição: UFT – CÂMPUS PORTO NACIONAL

Profa. Dr. Olívia Aparecida Silva

Examinador (a) Interno (a)

Instituição: UFT – CÂMPUS PORTONACIONAL

AGRADECIMENTOS

É terminado o ciclo de muitas risadas, frustrações e muitos aprendizados. Aqui construí também uma família, pessoas que levarei sempre comigo, cada um com sua bagagem e com muito a ensinar e aprender. A alma está tranquila e recheada de sentimentos bons. Todas as gargalhadas, choros e momentos serão eternizados em meu coração.

Agradeço a Deus por ter iluminado o meu caminho, me dando forças e fé para continuar, aos meus pais Fernanda e Luciano, por não medirem esforços para me ajudar, aconselhar e incentivar, as minhas irmãs Dhenyfer e Brenda e a minha avó, por sempre interceder por mim e me manter forte através de sua fé e sobretudo por compreenderem a minha ausência para a realização deste sonho.

Agradeço também a todas as minhas amigas, que sempre estiveram ao meu lado me dando forças e palavras incentivadoras para seguir em frente, em especial a Tatiane, Lara e Leidiane, por me fazerem companhia no processo de escrita deste TCC e me levantarem quando no meio do caminho, encontrava um obstáculo.

Agradeço à minha orientadora Glória Azevedo por todo apoio e paciência durante a elaboração do meu projeto final, pelo carinho e amizade a mim concedida e por transformar essa trajetória em momentos leves e recheados de segurança e aprendizado. Sua leveza inspira e acolhe.

Agradeço a todos os meus mestres que contribuíram para a minha formação profissional e pessoal, pois através de vocês aprendi a ser grande sem esquecer minha essência. Gratidão.

E a todos aqueles que direta ou indiretamente torceram por mim.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir o patriarcalismo sofrido pela mulher nos contos clariceanos, buscando assim, refletir sobre o poder do patriarcado sob as mulheres no século XIX, o silenciamento, a busca pela liberdade e o encontro de si mesma. Os dois contos estudados apresentam afinidades importantes, se tratando de mulheres com idades aproximadas e criadas para servir, ambas em busca da sua liberdade. A literatura de Clarice problematiza a situação da mulher na sociedade, e sua luta diária pelo lugar de fala da subalternidade da mulher em nossa sociedade, visando a representação da mulher na literatura.

Palavras-chaves: Literatura; Identidade; Narrativa; Autoria feminina.

ABSTRACT

This paper aims to present the patriarchalism suffered by women in the Claricean tales, seeking thus to reflect about the patriarchal power under women in the nineteenth century, the silencing, the pursuit of freedom and the encounter of herself. The two short stories studied have important affinities, as they are women of approximate age and raised to serve, both seeking their freedom. Clarice's literature problematizes the situation of women in our society, and their daily struggle for the place of speech of women's subordination in our society, aiming at the representation of women in literature.

Keywords: Literature; Identity; Narrative; Female Authorship.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Um dedo de prosa - a escrita de Clarice	11
2 ANÁLISE DOS CONTOS DE CLARICE	14
2.2 Gertrudes pede um Conselho- a adolescência espantada para uma vida em vias de se tornar adulta.	14
2.3 Obsessão- a vida desperdiçada em busca do amor perfeito	19
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo abordará a temática do patriarcalismo sofrido pela mulher nos contos *Gertrudes pede um Conselho* e *Obsessão*, publicado no livro **A Bela e a fera** (1979), Clarice Lispector. Clarice Lispector escrevera a maioria dos contos, publicados nesse livro, aos seus 14 anos de idade. Sendo assim, o livro mostra diferentes momentos da Clarice, a primeira ainda na sua adolescência e a outra na sua fase mais adulta. Ambos os contos falam sobre as escolhas, sentido da vida, solidão e condição feminina. Nos contos iniciais, é notável o foco nas relações amorosas conturbadas entre o homem e a mulher, deixando visível o romance e ingenuidade entre os personagens.

Clarice Lispector é um dos maiores nomes da literatura brasileira. Vale dizer que suas produções marcaram a literatura durante o século XX e o seu estilo, um tanto intimista, popularizou as narrativas psicológicas do Brasil. É considerada um marco no modernismo, a autora figura como uma das primeiras escritoras a ganhar notoriedade nacional, ao lado de grandes nomes da literatura, entre eles temos a Cecília Meireles, Rachel de Queiroz e Lygia Fagundes Telles. Clarice tem um papel de suma importância na “quebra” de preconceitos sobre literatura de autoria feminina, assim, ampliando o horizonte para tantas mulheres na literatura.

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, no ano de 1920. Em 1922 ela se mudou junto com a família para o Brasil, fugindo da Guerra Civil da Rússia e da perseguição aos judeus na Europa. A maior parte da sua infância foi vivida em Recife, na capital de Pernambuco, quando adulta viveu no Rio de Janeiro. Lispector foi jornalista, também exerceu algumas funções diplomáticas.

Nos dois contos escolhidos para a presente pesquisa, buscamos refletir sobre o poder do patriarcado sob as mulheres daquela época, o seu silenciamento, a busca pela liberdade e o encontro de si mesma. Duas mulheres em busca de si, com histórias que as ligam mutuamente, procurando destacar a criação para ser sempre uma dona de casa e boa esposa, sem direito opinar, a ter voz que se faça ouvir e que possa falar. Os contos *Gertrudes pede um Conselho* e *Obsessão* fazem uma reflexão sobre a violência contra mulher, focando-se não só na violência física, como também na psicológica.

No conto *Gertrudes pede um conselho* temos uma jovem de 17 anos em conflito consigo mesma, a moça não consegue lidar com seus próprios sentimentos e acaba buscando ajuda numa psicóloga no intuito de encontrar as respostas que tanto buscava. Em *Obsessão*,

nos deparamos com uma jovem de 19 anos, casada, mas que a partir de um momento começa a enxergar a imperfeição que é o seu casamento, a sua vida e assim como Gertrudes resolve começar a buscar seu verdadeiro eu, sua verdade e liberdade.

O objetivo da pesquisa é mostrar como as personagens clariceanas nos contos estão envolvidas em questões sobre a identidade, corpo e individualidade (liberdade) representando as angústias e enfrentamentos das mulheres na sociedade.

Analisar como os conflitos na pré-adolescência sobre o corpo, sobre o que e como se sentem na idade adulta influencia na construção do sujeito/mulher na sociedade, buscando meios de mostrar como a mulher anula-se na busca de um amor/homem idealizado, voltando-se para questões do patriarcalismo e a opressão sobre a mulher que, de certa forma, inviabiliza a existência feminina.

Existe entre os dois contos uma afinidade importante, se tratando de mulheres com idades aproximadas e criadas de alguma forma para servir, mas ambas com a mesma vontade, a de se libertar, trazendo para o leitor um pensamento crítico e reflexivo sobre a mulher e a sua verdadeira posição imposta pela sociedade, que apesar de atual, ainda traz consigo elementos pertencentes ao patriarcalismo.

A importância de trabalhar este tema está totalmente voltada para o poder que essa pesquisa terá sobre aqueles que a ler, a criação do pensamento crítico e reflexivo sobre as personagens clariceanas e o desejo de se conhecer. Ao estudarmos Clarice, é nítido percebermos a luta da classe feminina para conquistar o seu direito dentro de uma sociedade misógina, preconceituosa e patriarcalista como a que vivem e se instala em nosso presente.

Nas suas obras, Clarice Lispector trabalha sempre a inquietação que acompanha a existência feminina, entre essas inquietações o estranhamento, a solidão, a negação de si, as impossibilidades de ser quem se é e a subjetividade sujeita encontrada em seus contos de cunho feminino. Lispector é considerada a maior escritora brasileira, estudar Clarice é ir além de uma simples leitura, é causar reflexões sobre esses derivados mundos presentes em sua escrita.

Esta pesquisa tem como foco principal analisar a mulher silenciada pela sociedade, pelo patriarcado injusto e misógino, mostrar a realidade dos lugares impostos para as mulheres ainda naquele século, onde uma sociedade mesquinha as impediam de ir além do que se era permitido por eles, assim, temos como prioridade a importância desses estudos literários para um futuro acadêmico abrangente e livre de amarras patriarcalistas e injustas para a classe feminina.

1.1 Um Dedo de Prosa- a escrita de Clarice

Clarice Lispector, questionada sobre que título daria a uma autobiografia que por acaso viesse a escrever, respondeu que se chamaria “À procura da própria Coisa¹”. E essa procura parece ser a linha de pensamento que percorre toda a sua escrita. Clarice é uma autora à procura da palavra sobre si, sobre o mundo, à procura da revelação de si, da compreensão do mistério da existência. Clarice busca o que se esconde, o que está por detrás do pensamento e por detrás das entrelinhas. Por que Clarice escrevia? A essa pergunta ela respondeu com um “Por que você bebe água?” Então, Clarice Lispector escrevia para viver, porque havia nascido para escrever. Na entrevista que concedeu à Tv Cultura em 1977 (disponível no Youtube). Ela havia terminado de escrever **A Hora da Estrela** e, ao falar sobre esse romance em vias de publicação, disse: “eu agora estou morta”, isso no sentido de que naquele momento, sem ideias para um novo romance (ou conto) ela se sentia vazia, num adormecimento do qual só despertaria quando lhe viesse uma nova história.

Benedito Nunes (2009) ao falar sobre o desenvolvimento de temas importantes em Clarice Lispector afirma que seus temas inserem na filosofia da existência, fazendo uma reflexão dramática da *existência humana*², tratando de problemas como a *angústia, o nada, o fracasso, a linguagem, a comunicação das consciências*³. Sendo assim, as personagens de Clarice Lispector vivem uma tentativa de entender a concepção do mundo, a percepção de si mesmas, o confronto entre o que se é, o que não se é o que pode vir a ser, como uma espécie de ruptura, de devir.

Ainda segundo Nunes:

Nos personagens de Clarice Lispector, o Eu ameaçado, contestado, fica em suspenso e deixa-nos entrever a existência pura, contingente e irreduzível ao controle da vontade e ao entendimento. É essa existência absurda, ameaçadora e estranha, revelando-se nos indivíduos e à despeito deles, o único fundamento permanente do encontro ao qual as figuras criadas pela romancista se destacam e de onde retiram a densidade humana que as caracteriza. (NUNES. 2009: p.119)

Sendo assim, as personagens Clariceanas são movidas pelo desejo de ser e esse desejo é o lugar de onde nascem a pulsão de vida, de conhecimento de si, da individualidade que compõe cada ser. Esses sentimentos fazem com que as personagens vivenciem uma

¹ Castello, José. Clarice Lispector na cabeceira. 2011, p.9

² Grifo do autor

³ idem

inquietação insondável, como acontece com as personagens dos contos que analisaremos a seguir. Digamos que as personagens que estudaremos vivenciam um sentimento de questionamento da existência, chegando aos limites de suas próprias subjetividades. No entanto, os limites vividos não são os limites da existência, visto que elas não transcendem, elas se limitam a existir de forma quebrada, com uma terceira perna, com a subjetividade sufocada.

Clarice Lispector é uma escritora de uma obra extensa. Como diz o bibliógrafo da autora, Moser (2016), Clarice é uma mulher que não foi interrompida, ou seja: não começou a escrever tarde, não parou por causa do casamento ou dos filhos, não sucumbiu às drogas ou ao suicídio e, como tantos escritores homens, começou na adolescência e perseverou até o fim. Clarice, nesse sentido, se aproxima de suas leitoras, vivencia junto com elas uma trajetória de vida e enfrenta barreiras. Suas personagens vivem em luta contra a ideologia do seu tempo, o sistema opressor patriarcalista, expondo, desnudando a violência simbólica sobre o lugar próprio da mulher na sociedade.

Para Moser:

Seus personagens (...) enfrentam problemas práticos com maridos e filhos. Preocupam-se com dinheiro. Confrontam-se com o desespero que desemboca na bebida, na loucura ou no suicídio. Tal como tantas escritoras no mundo inteiro, Clarice não teve aceitação fácil dos editores. Tal como aconteceu com as mulheres mais formidáveis, foi sistematicamente relegada a uma categoria à parte. (inferior) por críticos e intelectuais. (...) Clarice persistiu ainda assim, declarando certa vez que não gostava de ser comparada a Virgínia Woolf porque ela havia desistido: “O terrível dever é ir até o fim”. Mas sua compaixão por mulheres silenciosas e silenciadas perpassa por estes contos. Os mais antigos, escritos por volta dos vinte anos, normalmente mostram uma moça inquieta, em conflito com um homem. (MOSER. 2016: p.15)

Considerando que os contos que analisaremos foram escritos pela jovem Clarice, é perceptível essa observação feita por Moser. Enquanto Gertrudes é silenciosa e confronta-se com o desespero de saber quem ela é no mundo, a outra personagem, do segundo conto a ser analisado é uma jovem mulher silenciada pelo pai, pelo marido e pelo amante (as estruturas patriarcais da dominação masculina) e que vive inquieta e em conflito com um homem, com a busca desesperada por um amor.

Moser ainda ao falar sobre a escrita de Clarice, defende que se a escrita da jovem Clarice mostra mulheres esmagadas por homens imponentes e fascinantes, essa situação muda, à medida em que a escritora envelhece. As personagens passam a viver em silêncio,

tentam viver suas vidas com a dignidade possível, é como se a inquieta Gertrudes que vai pedir um conselho, ao amadurecer entendesse que não adianta se inquietar, enfrentar o mundo, a viver sua vida, não mais sonhando com liberdade. Mas, a outra forma de lidar com o silêncio é munir-se da palavra. As mulheres de Clarice ao se silenciarem, exigem que sejam descobertas, entendidas e estendidas para a nossa realidade, como veremos na análise a seguir que utilizara os contos *Gertrudes pede um Conselho* e *Obsessão*.

2. Análise dos Contos de Clarice

2.2 Gertrudes pede um Conselho- a adolescência espantada para uma vida em vias de se tornar adulta.

Gertrudes pede um conselho é um conto narrado em terceira pessoa e apresenta uma adolescente em dúvida diante de como existir numa sociedade patriarcalista. Presenciamos uma adolescente com medo, seus medos ainda são incertos pois ainda não carrega a certeza de nada, mas a curiosidade e a vontade de ser livre.

“Não queria esperar porque ficaria com medo. E assim daria a doutora a impressão que desejava causar. Não pensar na entrevista, não pensar. Inventar depressa uma história, contar até mil, recordar-se das coisas boas. O pior é que só se lembrava da carta que mandara. “Minha senhora, eu tenho dezessete anos e queria...” Idiota, absolutamente idiota. “Estou cansada de andar de um lado para o outro. Às vezes não consigo dormir, mesmo porque minhas irmãs dormem no mesmo quarto e se remexem muito. Mas não consigo dormir porque fico pensando nas coisas. Já resolvi me suicidar, mas não quero mais. A senhora não pode me ajudar? Gertrudes.” (LISPECTOR, 1995, pg. 10)

Neste parágrafo, pode-se perceber uma adolescente que está em uma fase de confusão com seus próprios sentimentos, é como se a mesma ainda não soubesse o que de fato deseja de verdade, percebe-se que é uma jovem com vontade de viver a vida, mas que não encontra um motivo suficiente para seguir em frente ou para enfrentar o mundo e tudo aquilo que a está esperando. Gertrudes se sente diferente de todas as outras meninas de sua idade, não se encaixa no padrão oferecido pela sociedade daquela época, diferente das outras meninas, ela quer ser livre, conhecer coisas novas, se libertar, mas se pararmos para analisar ela não quer apenas se libertar, mas libertar também o mundo ao seu redor. O mundo apresentado a Gertrudes é um mundo belo, cheio de coisas novas e muitas aventuras, mas a jovem ainda não encontrou respostas para suas perguntas, isso de certa forma, fazendo-a questionar tudo ao seu redor.

Gertrudes, sendo uma adolescente com os seus 17 anos de idade, possui uma curiosidade muito maior do que talvez suas amigas que partilham desta mesma faixa de crescimento, ainda que pareça ser uma adolescente imatura em suas atitudes, leva uma vida de confusão e incertezas, o que normalmente ocorre na vida dos adolescentes nesta fase de troca para a vida adulta, levam consigo o fardo de se descobrirem sozinhos e, ainda por cima, sentem o choque de saber que já não são mais aquilo que um dia foram, pois a incerteza de um futuro próximo a aflige de maneira drástica. Para Gertrudes não é

diferente, apesar de ser uma jovem que sonha com mais do que a vida ou a sua família possa lhe oferecer, ela sonha em ser livre, sem amarras e longe de qualquer amarra patriarcalista e dominadora que aquela sociedade a oferece, sonhando em se libertar e libertar o próximo, mas como agir em meio a uma sociedade que a impede de ser quem realmente é? são para essas e outras perguntas que a personagem busca respostas. A amarra social ainda tão grande e presente naquela época são fatores principais para o conflito da personagem. “(..) Caia num choro abafado, aliviando-se, com a impressão confusa de que se entregava, a não sei quem e não sei de que forma.” (LISPECTOR, 1995, p. 12).

A adolescência é considerada uma fase de amadurecimento, um período de transição psicológico e físico, deixando a infância pela vida adulta, assim o corpo e cérebro estão aptos a mudar drasticamente para assim se adaptar aos papéis culturais exercidos pelos adultos e impostos pela sociedade.

É nessa fase que começará a surgir comportamentos inadequados e que passarão a esgotar não só o jovem que pratica, como afetará também as pessoas que o cerca, os pais na maioria desses comportamentos são os alvos principais e acabam não compreendendo o filho(a) e assim causando uma confusão ainda maior, esses comportamentos podem se transformar em algo muito mais grave e com resultados perigosos. Mas tudo isso é considerado normal pois se trata do desenvolvimento do cérebro para uma nova espécie de vida.

Analisando a adolescência neste âmbito de pesquisa e as atitudes da nossa personagem, é possível que Gertrudes esteja passando por momentos assim na sua fase de adolescente, pois em alguns momentos do conto é possível perceber que a jovem não possui uma boa convivência com a família, principalmente com as irmãs, tendo pensamentos bem distantes e uma visão de vida independente, nada do que estava ao seu redor a interessava por completo e tudo era como se a tornasse sozinha. “(...) Acordava amarga, notando com alegria reprimida que não se interessava pelo bolo que as irmãs devoravam animalmente, com irritante despreocupação.” (LISPECTOR, 1995, pg. 13).

Tuda (apelido dado por sua família) é uma adolescente sonhadora, queria o mundo e conhecer toda a sua extensão, ansiava para que algo esplêndido acontecesse em sua vida, uma espera que para ela as respostas não chegariam nunca, pelo menos da forma que ela esperava. Sonhava acordada, e um de seus maiores sonhos como já citado era a liberdade, o ato de ser livre, algo grande para uma adolescente aos seus 17 anos e criada em uma sociedade totalmente dominada pelo patriarcado.

Gertrudes questiona a sua existência e seus desencontros com seu próprio “eu”, busca sentidos para a inquietação que sofre, essa causada por esta em conflito com seus próprios desejos. Tuda não sentia nada, não se sentia ligada a ninguém e a nada ao seu redor, sentia como se faltasse conexão, com sua casa, com sua família, que até então não a dava o espaço suficiente para ser quem de fato ela desejava ser. Fora criada dentro dos conceitos patriarcais daquela época, uma família onde quem comandava era a figura masculina, ensinada a obedecer e nunca contradizer, a jovem entrava cada vez mais numa confusão sem respostas de quem ela realmente era. Em meio a toda esta confusão de sentimento, Tuda decidiu ter coragem e romper esta barreira entre ela e o mundo que gostaria de conhecer, agindo com a força e a coragem de uma adolescente de 17 anos.

“Mas, impossível ser grande num ambiente como o seu. Interrompeam-na com as observações mais banais: “Já tomou banho, Tuda?” Ou, senão, o olhar das pessoas de casa. Um olhar simples, distraído, completamente alheio ao nobre fogo que ardia dentro dela. Quem poderia persistir, pensava acabrunhada, junto de tanta vulgaridade?” (LISPECTOR, 1995, p.13).

Perguntas como: se libertar em um lugar em que a aprisionava cada vez mais? Como conseguir ser ela mesmo sem ninguém a definindo ou a “manuseando” a gosto? Essas e milhares de outras perguntas, é que tiravam o sono da jovem. Tuda, assim como outras adolescentes, talvez necessitasse de privacidade, de realizar os seus desejos e de realmente ser diferente do que ela estava acostumada a ver ou vivenciar, perdeu noites e noites de sono tentando responder às suas próprias perguntas, essas que nunca tinham uma resposta, assim, fazendo com que a jovem perdesse incansáveis noites de sono, entre uma dessas noites foi que Tuda teve a brilhante ideia de escrever para uma psicóloga na tentativa de encontrar as respostas que tanto ansiava escutar, mas esse pequeno encontro não traria para a jovem o que ela estava ansiando escutar, se não, o contrário.

“- Isso vai passar. Você não precisa trabalhar, nem fazer nada extraordinário. Se quiser - ia usar seu velho “truc” e sorriu -, se quiser arranje um namorado. Então... Ela era igual a Amélia, a Lídia, a todo mundo, a todo mundo! A doutora ainda falava. Tuda continuava muda, obstinadamente muda. Uma nuvem tapou o sol e o escritório ficou de repente sombrio e úmido. Daí a um instante o floco de poeiras recomeçou a brilhar e a mover-se. A conselheira impacientou-se ligeiramente. Estava cansada. Trabalhara tanto... “- Então? mais alguma coisa? Fale, fale sem medo... Tuda pensava confusamente: vim perguntar o que faço de mim. Mas não sabia resumir seu estado nessa pergunta. Além disso, receava cometer

uma excentricidade e ainda não se habituara consigo mesma.” (LISPECTOR, 1995, p.16).

Tuda de fato não podia acreditar no que estava escutando, mais uma vez recebia as mesmas respostas que vinham a dando nos últimos dias, sempre a mesma coisa e os mesmos objetivos e nunca o que ela queria escutar. No fundo, a jovem sentirá que necessita de ajuda e de alguém que a enxergasse com outros olhos, por isso todas as cartas enviadas pela conselheira, mas como se nota na primeira e única consulta de Tuda, ela não obteve todas as respostas que ansiava receber, pelo contrário, percebeu que a doutora é como todas as outras pessoas que a cercavam, nada mudou e isso a deixou ainda mais confusa, durante a consulta a jovem tentava não vacilar ou dizer algo que fosse inconveniente, enquanto o seu eu gritava e ansiava por receber algum impacto, algo grande e que a fizesse entender o que estava acontecendo entre elas e os seus sentimentos, que naquele momento estavam em confusão.

Diante dos conselhos da psicóloga, a jovem sentirá que tudo ao seu redor se tornava uma mentira ainda maior, como se tudo o que viveu e sentiu fossem apenas mentiras sem nenhum significado, sua mãe, seu pai, sua casa, o último momento em família, era como se tudo aquilo de fato começasse a perder o sentido e se tornará algo insignificante, era como se não a enxergassem de fato, estava em um lugar que sentia não poder ser livre e ser ela mesma, reparava em tudo que era dela, menos em Tuda como pessoa e uma jovem que estava em conflito com seus próprios sentimentos.

“A menina era mais perspicaz do que pensara. Não, não era a verdade. A doutora sabia que se pode passar a vida inteira buscando qualquer coisa atrás da neblina, sabia também da perplexidade que traz o conhecimento de si própria e dos outros. Sabia que a beleza de descobrir a vida é pequena para quem procura principalmente a beleza nas coisas. Oh, sabia muito. Mas estava cansada do duelo (...).” (LISPECTOR, 1995, p.19).

A doutora tinha plena certeza que a jovem em sua frente era um grande desafio, e talvez não estivesse preparada para o mesmo, ou se tratará de uma profissional já cansada de seu trabalho ou de sempre passar os mesmos conselhos seja para quem fosse, era nítido em alguns momentos da consulta a pressa em terminá-la. Se tratava de uma jovem em conflito com seus ideais e estava ali buscando respostas, mas a imagem de quem para ela, um dia, poderia lhe ajudar a se entender e entender os seus sentimentos, resultou em alguém como todos os outros que viviam ao redor de Gertrudes. Para uma jovem que

buscava conhecer o belo, o novo e ser livre, as palavras da doutora naquele momento passaram a ser mínimas para a vontade que a jovem tinha de alçar voos.

Durante a leitura do conto, é perceptível que a narradora passou para o leitor uma amostra de ligação entre a ficção e a realidade, em que, sejam jovens ou não, vivemos inseguros e talvez em busca de alguém para desabafar e encontrar respostas, que é um dos principais pontos do conto. Gertrude tinha vontade de se conhecer, o desejo sedento de mudar, de ser livre e todos esses sentimentos se desencontraram, causando uma briga entre ela e o seu “eu”, por isso procura a conselheira, não podendo mais conter os seus sentimentos busca respostas em alguém que não a conheça. Durante vários momentos chaves da consulta, Tuda sentiu que ali ela não encontraria o que ansiava, quiçá a doutora era como todas as outras, dizendo o mesmo que todos os outros, nada do que ela esperava ou buscava escutar. “Olharam-se e Tuda, decepcionada, sentiu que estava em posição superior à da doutora, era mais forte que ela.” (LISPECTOR, 1995, p.19).

A partir desse momento, a jovem começa a perceber que ela é mais forte que aquela que estava em sua frente para orientá-la e atendê-la, aquela que deveria lhe dar respostas concretas e animadoras, dizia apenas palavras que Tuda já havia escutado vários vezes, sentiu que talvez não necessitaria estar ali para conquistar o que tanto desejava. A conselheira ainda não havia percebido e nem entendido o que de fato queria aquela jovem, buscava motivos e ao lado de Tuda, respostas, de repente tudo ficou contraditório e distante, estavam as duas, ali, frente a frente, perguntas distintas, mas que ainda assim necessitavam respostas.

Depois dessa tarde, Tuda decidiu que não poderia continuar a mesma e muito menos sendo alguém que de fato não a enchia de graça ou orgulho, depois daquela tarde a jovem passou a sentir algo diferente, talvez a certeza de saber que ela poderia ser o que quisesse, sem precisar de conselhos ou de alguém ao seu lado, sua alma rasgará dando espaço a uma nova Tuda ou até mesmo a uma nova Gertrudes, saiu do consultório cheia de vontades e talvez, mesmo que pouca, uma esperança de ser livre, mesmo que sozinha e diferente dos demais.

“(…) Uma mulher! O poder oculto desta palavra. Porque afinal, pensou ela... ela existia! Acompanhou o pensamento a sensação de que tinha um corpo seu, o corpo que o homem olhará, uma alma sua, a alma sua, a alma que a doutora tocará. Apertou os lábios com firmeza, cheia de súbita violência: - Eu lá preciso de doutora! Lá preciso de ninguém! Continuou a andar, apressada, palpitante, feroz de alegria.” (LISPECTOR, 1995, p.24).

Gertrudes começou a se enxergar, a se conhecer e a ver que ela poderia ser todas essas coisas que sonhara, não se tratava de um sexo frágil como foi ensinada a acreditar desde pequena, saiu com a certeza de que poderia ser livre. A partir desta consulta, começou a enxergar o que para ela ainda não existia, o que para ela era oculto, depois dessa tarde, Gertrudes começou a enxergar o poder da mulher e o principal, que esse poder a pertencia.

2.3 Obsessão- a vida desperdiçada em busca do amor perfeito

O conto **Obsessão** de Clarice Lispector narrado em primeira pessoa é considerado um conto atemporal, embasando as consequências e sequelas de um relacionamento abusivo e uma mulher que buscava um amor perfeito em um homem totalmente errôneo, mas que mesmo diante desses pontos negativos não conseguia perceber o relacionamento tóxico em que estava se envolvendo.

Neste conto, temos como personagem principal a jovem Cristina, uma moça de 19 anos e já casada com Jaime, moça simples, sossegada e criada em um meio absolutamente patriarcalista. Ensinada a obedecer, a ser a dona de casa perfeita e esposa dedicada. Ao passar do tempo, Cristina se ver absolvida pela vida vazia, pacata e sem emoções, começando assim a questionar a sua própria felicidade. “Denso véu isolava-me do mundo e, sem o saber, um abismo distanciava-me de mim mesma.” (LISPECTOR, 1995, p. 28).

Cristina não sentia estar vivendo, era como se de repente tudo perdesse a cor, uma confusão com ela mesma, seu casamento talvez já não fosse o mesmo e a jovem já não sentia a emoção de estar casada, de estar ao lado de seu marido, sentia-se perdida, sozinha e, acima de tudo, a jovem se sentia vazia. Cristina é integrante de uma família tradicionalista, na qual o que predomina é a voz masculina, tendo sempre ao seu lado, o pai, aquele que era mais governante que pai e, logo em seguida, o seu marido, a masculinidade sem dúvida, predominava no ambiente.

A personagem vive em um ambiente em que o que prevalece são as amarras e opressões patriarcais, em uma época onde as mulheres eram consideradas submissas e ingênuas, não tinham direito a fala e muito menos em viver como desejava, viver livre. Ao lado do marido, a personagem sofria as amarras da opressão, assim causando uma confusão ainda maior com tudo ao seu redor, incluindo o seu casamento, que para ela, havia se tornado imperfeito.

É importante dizer que o termo patriarcalismo vem de origem grega, que significa o poder do homem sob as relações sociais, estabelecendo assim o poder de uma autoridade

religiosa masculina sobre seus subordinados, mas também entendidas como a dominação do homem sobre a família, empregados ou aspectos políticos em âmbitos sociais.

No início do conto, a jovem começa narrando um pouco dela mesma, antes de se encontrar com Daniel, o que para ela, era seu verdadeiro amor, a personagem começa se auto avaliando, dizendo suas qualidades e até mesmo seus defeitos, citando sua família, sua infância e como foi sua vida quando criança e adolescente.

“Sempre fui sossegada e nunca dei provas de possuir elementos que Daniel desenvolveu em mim. Nasci de criaturas simples, instruídas naquela sabedoria que se adquire pela experiência e se adivinha pelo senso comum. Vivemos, de minha infância até meus quatorze anos, numa boa casa de arrabalde, onde eu estudava, brincava e movia-me despreocupadamente sob os olhares benevolentes de meus pais.” (LISPECTOR, 1995, p.25).

Nesta citação, notamos com clareza, a despreocupação que até então, a infância nos proporciona, longe dos problemas incluídos pela vida adulta e logo depois a adolescência ora perturbada ora tranquila, em um lar familiar e ao lado de pessoas a protegiam de tudo e todos. Vemos então que Cristina viveu a despreocupação e tranquilidade de uma jovem que estava prestes a ingressar na vida adulta e não tinha a mínima noção do que a esperava.

Cristina como toda jovem nesta idade, possuía muitos sonhos, um deles era o de se casar, ter filhos, um esposo, um romance perfeito ao lado do homem que um dia chegaria a amar, nada tão novo, pois a maioria das jovens de sua idade sonhavam com um casamento lindo, as vezes até comparado aos de contos de fada. Talvez por todos os romances que lia na adolescência, querendo ou não enquadrava esses desejos nessas histórias de amor, o que de fato acontece diariamente, um dos pontos que nos permite sonhar com um grande amor, ao que denominamos de amor perfeito.

De alguma forma, essa vontade de construir uma família, ser uma boa esposa, passava pela cabeça de todas as jovens naquela época, é importante lembrar que de alguma maneira, as mulheres eram ensinadas para cumprir este papel dentro da sociedade e se não fosse assim, eram julgadas como raparigas e outros nomes piores, a sociedade sempre impôs este papel para a mulher ser bem aceita e bem vista na sociedade.

“Quanto aos meus sonhos, nessa idade tão cheia deles-nos de uma jovem qualquer: casar, ter filhos e, finalmente, ser feliz, desejo que eu não precisava bem e confusamente enquadrava nos fins dos mil romances que lera, sem me contagiar com seu romantismo. Eu apenas esperava que tudo corresse bem, embora nunca tomasse de contentamento se assim sucedia.” (LISPECTOR, 1995, p. 26).

Logo, Cristina conheceu o seu então marido, Jaime. Nunca se queixou do seu casamento, acreditava ser feliz e completa, seu marido sempre a tratara bem e nunca lhe faltava nada. Ela também não questionava nada ao seu redor, até porque, para ela a felicidade matrimonial existia, apesar de tudo, no fundo, ela saber que algo lhe faltava e que ela não estava completa ou inteira, seus sonhos, suas vontades não tinham sido realizadas, se acostumou à rotina e assim foi mais fácil seguir o caminho que escolheu.

Em meio a toda essa certeza, é perceptível que Cristina começou a entrar em conflito com seus próprios sentimentos, sentia-se vazia e não sabia ao certo a razão desse sentimento até então, estranho. A personagem começou a sentir-se aturdida a tudo o que passava e aos seus sentimentos, mas nenhum deles, segundo ela, eram voltados para o romantismo ou algo que chegasse a esse nível, os descartou por completo, talvez tratasse de uma vontade absurda de viver tudo o que ela realmente sonhou, uma vontade daquilo que não experimentou ou não conseguiu, são fatores que fazem com que a personagem perca um pouco da razão e da certeza de que é feliz. “Às vezes melancolia sem causa escurecia-me o rosto, uma saudade morna e incompreensível de épocas nunca vividas me habitava.” (LISPECTOR, 1995, p.27).

Na maioria das vezes e em várias etapas da vida, a maioria das pessoas passam a se sentir assim, raros, estranhos e incompletos e com Cristina não foi diferente, passou a ter sensações diferentes das que estava acostumada a sentir, a melancolia que todavia não sentirá passou a vir com mais frequência, a falta de algo ou alguém, e a saudade do que não chegou a viver, talvez uma das maiores e mais dolorosa saudade, é estranho sentir-se assim ou sentir falta de algo que nunca viveu, mas só o fato de não ter acontecido é um motivo para a estranheza, a falta é presente, assim como os sentimentos descontraídos da personagem em questão.

Diante de todos os seus sentimentos descontraídos e avessos, a jovem passou a se sentir cada vez mais solitária, vazia, e ainda mais confusa. Logo em seguida, Cristina pegou uma febre muito forte, a que chama de febre tifoide, a personagem diz que quase morre com a doença, e em todo esse tempo que ficou de cama e em casa, teve o apoio de seus pais e marido, os quais dedicaram tempo total a ela e sua enfermidade. Passara todo esse tempo, em seu quarto, sua cama, não reagia a nada e muito menos aos seus pensamentos que naquele instante eram pouquíssimos. Se tornando um ser frágil e que necessitava cuidado extremo.

Depois de curada, a jovem afirma ter forçado sua própria fraqueza para seguir mantendo todos a seu redor, percebe-se que o vazio que a jovem sentira era bem maior do

que parecia ser, a doença a deixou ainda mais frágil e quieta, e na maioria das vezes, a solidão e a insegurança faz com que emoções e comportamentos iguais ao da personagem aconteça e na maioria das vezes tornando-se frequente.

Depois de todo o ocorrido, a vida da jovem mudaria drasticamente, por não demonstrar a melhora necessária em sua saúde, o marido de Cristina buscou um lugar para que a mesma pudesse se recuperar completamente, encontrando assim uma pousada na cidade de Belo Horizonte, a jovem não se impôs diante da decisão, apenas arrumou as suas coisas e, acompanhada por seu marido, instalou-se na modesta pousada, com o objetivo de se recuperar totalmente. Logo depois o seu marido a deixou sozinha, regressando para casa, a “liberdade” de Cristina começaria naquele momento.

“(.) Não houve apelação. Jaime para lá me conduziu, num trem noturno. Arranjou-me uma boa pensão e partiu, deixando-me sozinha, sem o que fazer, subitamente lançada numa liberdade que eu não pedira e da qual não sabia utilizar.” (LISPECTOR, 1995, p.28-29).

Pela primeira vez, a jovem se sentia livre, no fundo, apesar de ser uma liberdade desejada e ainda não identificada pela jovem, a mesma não sabia reagir a tal sentimento, para uma jovem como Cristina, que foi criada sob os olhos protetores dos pais e logo depois, aos cuidados do marido que nunca deixava-a faltar nada, para alguém que nunca precisou mover um dedo para conseguir algo, estar sozinha e em liberdade era um ato desconhecido pela personagem, alguém que viverá durante tantos anos sob as expectativas alheias, os cuidados alheios, um ser totalmente dependente, a liberdade poderia facilmente, para ela, ser algo extremamente novo e intocável.

Na nova cidade, sem o marido, e sem todas aquelas pessoas que a jovem denominava de “multidão dos de olhos fechados”, a jovem passou a despertar para o mundo, a sair da sua zona de conforto, a ter a oportunidade de começar a ver o mundo com os seus próprios olhos e não mais com os olhos alheios. Nesse despertar, Cristina conhece Daniel, o que ela passa a acreditar que é o seu grande amor. Daniel é um jovem atrativo, um tanto quanto boêmio, e que passa a despertar o interesse de Cristina. Ela se apaixonou por Daniel, de imediato, encontrou a “perfeição” no jovem que acabara de encontrar. No decorrer do conto a personagem vai retratando cada detalhe do seu amado e denota o quanto a sua veneração por ele é enorme.

Antes de adentrarmos a essa situação, é importante dizer que Clarice Lispector, na maioria ou quiçá todos os seus contos, trazia consigo uma atemporalidade na escrita e este conto não é diferente, Clarice Lispector nos brinda com um conto atemporal e até mesmo

introspectivo e de suma importância, pois neste conto a autora denota um caso de relacionamento abusivo, mais uma vez conseguindo misturar de certa forma, a ficção com a realidade e assim nos trazendo uma larga reflexão sobre o relacionamento tóxico/abusivo.

“Sei que ele sorria, apenas isso. De quando em quando, surge-me qualquer traço seu, isolado, daqueles anteriores. Seus dedos curvos e compridos, aquelas sobrancelhas afastadas, densas. Mais nada. É que ele me dominava de tal forma que, se assim posso dizer, quase me impedia de vê-lo.” (LISPECTOR, 1995, p.29).

Percebe-se o quanto a jovem estava entregue e absolvida em um relacionamento tóxico e perigoso, a falta de amor próprio que a jovem sentia era tão grande que a impedia de enxergar o que se passava ao seu redor, era incapaz de perceber que quando se ama, não se domina e nem é dominado, até porque o amor também é liberdade, igualdade e cumplicidade, a personagem não vivia isso, se sentia rara, sozinha, fora absolvida pela solidão e pelo costume de um casamento que para ela, era feliz. Assim foi muito fácil se apaixonar pelo novo, o novo fascina e encanta e para ela, Daniel era o novo com uma pitada de emoção e amor perfeito. Assim, se permitindo ser dominada, ao invés de amada.

Vale dizer que esse relacionamento com Daniel começou a partir do momento em que a jovem começou a enxergar nele o seu amor perfeito, o amor sem defeitos, e junto a Daniel a sua liberdade. Cristina se diminua para ser notada e aceita por Daniel, para ser enxergada se tornou submissa e prisioneira daquilo que ela dizia ser liberdade. Pelo vazio e necessidade que sentia em ser livre, em se encontrar consigo mesma, a personagem acaba se submetendo a um relacionamento conturbado.

Aproveitando o conto de Clarice Lispector, é importante focarmos por um instante no relacionamento abusivo e o quanto isso se faz presente no dia-a-dia de cada pessoa, ao adentrar em um relacionamento abusivo você não se dá conta e muito menos percebe do início, para quem vivencia na pele, cada abuso de transforma em um ato de cuidado, proteção, amor, preocupação, mas nunca considerado uma agressão. Estes casos estão cada vez mais presentes e existe desde anos e anos atrás, antes não denominado como um relacionamento abusivo, já que na era patriarcal, ser ofendida, dominada era sinônimo de obediência para com o seu parceiro.

A pessoa não escolhe viver em situações como essa, de início nada é perceptível e a esperança de mudança é notável. A distância entre duas pessoas que se querem é um grande fator de impedimento do que realmente está acontecendo entre aquele meio, dificilmente a vítima vai enxergar a agressão na primeira vez. Primeiro acontece aos

poucos, logo da agressão física, começa a psicológica, e emocional, ocasionando assim a diminuição da vítima, o sentimento de se sentir inferior, pouco e insuficiente.

É importante falar sobre relacionamento abusivo, sobre suas consequências e o quanto afeta quem vive um relacionamento assim, a cada minuto uma mulher é morta no Brasil e uma destas causas incluem o relacionamento tóxico que a pessoa participa, como já citado acima, este tipo de situação é muito mais comum do que se imagina, milhares e milhares de mulheres, hoje, se encontram presas em situações assim e sem meio de saída, não por vontade própria, mas por já ter chegado a um ponto em que a porta de saída não é vista.

Em **Obsessão**, Clarice Lispector nos traz esta atemporalidade, através de uma com perspectiva voltada para a realidade na qual a personagem Cristina pode, com facilidade, converter-se em uma mulher de nossa atualidade.

Em um dos parágrafos do conto, percebe-se que Cristina tenta evitar Daniel, o medo que ela tem de se aproximar, do que ele possa falar ou do que de fato poderia acontecer. O primeiro passo era se afastar, o segundo continuar evitando e o terceiro, talvez a fuga daquele que, para o seu íntimo, seria o seu amor perfeito e o que ocuparia aquele lugar que luzia solidão, vazio e abismo. Ao ver Daniel, passaram-se mil coisas sobre a cabeça da jovem, inclusive, seus pais, marido, era como se fugisse da realidade para, de alguma forma, proteger a integridade de sua família.

Ela sendo uma mulher casada, Daniel era-lhe totalmente proibido, as circunstâncias apontavam assim, Cristina quisera correr de todo esse sentimento desencontrado, o da liberdade e agora um possível novo amor, no fundo, como ela mesma afirma, sabia que se era quase impossível, que ele poderia ser o seu abismo, mas talvez a falta de amor próprio e a busca da liberdade fizera acreditar que ele poderia facilmente ser a sua ponte, sua salvação vestida de amor perfeito, o que de alguma forma ela idealizou.

Apesar de todas as suas escusas para não se fixar em Daniel, não conseguia parar de escutá-lo, ou evitá-lo por completo, era como se aos poucos o indivíduo fosse se apoderando de suas entranhas e de seu lado mais profundo, apesar dos medos das palavras frias de seu amado, ela continuava ali, mesmo que de longe, o venerando cada dia um pouco mais. Daniel a passava de certo modo, uma mescla de perigo e frieza, as suas primeiras conversas foram cheias de confusão -pelo menos para Cristina-, até tentou explicar-lhe acerca desse sentimento tão ingênuo e confuso que a apoderava.

“Tudo se entrelaçou, confundiu-se dentro de mim e eu não saberia precisar se meu desassossego era o desejo de Daniel ou a

ânsia de procurar o novo mundo descoberto. Porque despertei simultaneamente mulher e humana.” (LISPECTOR, 1995, p. 34).

A jovem vivenciava tudo em profunda confusão consigo mesma, seus desejos se renovam a cada dia, poderia facilmente compará-la como uma borboleta saindo do seu próprio casulo e se dispondo a voar e a conhecer o mundo, aquela mulher que era presa em seu mundo vazio, nasceu e se “libertou”, quiçá Daniel tenha despertado a mulher em Cristina, a mulher que ela já havia esquecido, que de certa forma não existia mais, ao mesmo tempo que se sentia completa, se sentia infeliz, não conseguia entender por completo os seus sentimentos e o que a levou a isso, nela não nascia apenas a mulher, mas também a humana, a que sentia, a que necessitava, desejava ser livre.

Cristina acreditou que Daniel era perfeito, mesmo diante de suas palavras dolorosas e inquietantes, segunda ela mesma retrata em uma parte do conto, seguia o querendo e acreditando que ali ela tinha encontrado o amor, em Daniel, o homem que não media uma sequer palavra proferida sobre Cristina, que tampouco lhe importava os seus sentimentos frente a ele, era ele, tinha quer Daniel.

“(…) Quando Daniel olhou-me. Disse-me mais tarde que a gargalhada que deu e que tanto me feriu, a ponto de me fazer chorar, fora causada pela exaltação em que achava há dias e sobretudo pelo meu lamentável aspecto. Minha boca estupidamente aberta, “meus olhos tolos, atestando minha ingenuidade de animal” ... Era assim que Daniel falava comigo.” (LISPECTOR, 1995, p. 34).

A visão que Daniel tinha da Cristina era totalmente distinta da que Cristina mantinha dele, ela o via como um professor, inteligente, educado e até charmoso, enquanto Daniel tratava a jovem como uma qualquer, menina tola, ingênua e do interior, para ele, Cristina não possuía nenhum significado e os insultos começaram a partir daí, fizera acreditar ainda mais que era inferior a ele, aceitando todos os seus reproches e palavras que feriam o seu Eu.

Daniel era amargo e acreditava que, para viver algo intensamente, o sofrimento seria inevitável, queria estampar uma dor que nele existia, o seu descontentamento e ansiedade; fugia do seu próprio abismo, eis que aparece Cristina, a fonte ideal para descontar sua raiva, frustração e desamor. Cristina não enxergava, tudo teria um motivo, nada é assim como nada, para ela, sempre havia uma razão que justificasse todas as suas atitudes.

Vale ressaltar que Cristina viverá em um ambiente totalmente movido pela opressão e o patriarcalismo, primeiro ela vivencia isso com o seu pai e logo em seguida

com o seu então marido, que usava a seu favor o “cuidado” e “proteção” para com sua esposa, este mesmo cuidado fazia com que Cristina se tornasse cada vez mais dependente dele. Se formos observar a opressão imposta sobre a Cristina e também a violência simbólica, é algo que já vem desde a sua infância, por meio de seus pais, onde a nossa personagem deveria ser “certinha” e seguir tudo aquilo que lhe ensinavam, até o momento em que estaria adepta ao casamento.

No meio de toda essa análise, temos Jaime, o seu marido, que ao que tudo indica é uma cópia fiel ou prolongamento do que fora sua criação ainda sob os olhos de seus pais, sendo assim, uma continuação de uma ideologia totalmente dominadora e patriarcalista. Como em um dos parágrafos em que Jaime faz questão de demonstrar em segundos quem verdadeiramente manda na situação. “- Sabes? Gosto mais de ti sem verniz nas unhas...- Deferido o pedido, meu senhor. -Mas não foi um pedido: foi uma ordem...” (LISPECTOR, 1995, p. 55).

Esse ato dominador, acaba gerando a divisão e impondo a diferença entre ambos: o que sempre mandará e terá voz, será o sexo masculino, enquanto as mulheres continuarão sendo tratadas como sexo frágil e submissas a seus homens/maridos. Vale dizer também que atitudes como a de Jaime ocasionam de alguma forma, a “divisão” de trabalho, tais ações que tem como objetivo transformar a “vocação” das mulheres em algo harmonioso, normal em que todas acreditam realmente estar ali para servir, serem felizes e obedientes. Um chefe exerce a sua função, expressando a sua autoridade e dando ordens, mas de uma forma em que demonstra, segundo eles, proteção e cuidado.

Essa relação de poder e força está também relacionada ao personagem Daniel, desenhado por Cristina como um homem inteligente e dominador das palavras, um homem desapegado e livre de acontecimentos banais ou obrigatórios. Esta é a primeira impressão em que a jovem narradora tem do seu amado, impressões primeiramente causadas através de sua fisionomia e forma de ser.

Cristina estava tão ilusionada que não percebia a forma como Daniel a mirava ou a tratava, enxergando-a como um ser fraco, banal, impotente e até mesmo insuficiente, mas ele tinha a pela certeza de que a jovem buscava nele, algo que a fascinava, que a deslumbrava, por isso seus discursos tão claros, às vezes doces, outrora pesados, mas que possuíam o poder de prender Cristina cada vez mais a ele.

“Suas palavras deslizavam sobre mim, sem me penetrar. No entanto, adivinhei, singularmente incomodada, elas escondiam uma harmonia própria que eu não conseguia captar... tentava não me distrair para nada perder da conversa mágica.” (LISPECTOR, 1995, p.32).

Neste parágrafo, podemos perceber o quanto Cristina está envolvida com Daniel e o quanto as suas palavras a ilusiona, a enche de esperança, de imaginações, o mais interessante é ela usar a palavra “magia” para explicar o que a conversa com Daniel a fazia sentir. Demonstrando o seu estado de encantamento, de plenitude e de prazer em estar tendo aquela conversa com o homem que ela estava idealizando como perfeito. Cristina é completamente dominada.

Aqui temos presente o domínio da palavra, ou o discurso inteligente, esse incumbido aos homens, assim fazendo com que as mulheres perdessem o sentido e controle das palavras, sendo mais uma vez silenciadas e expostas a opressão da era patriarcalista. Em análise do discurso, Bourdieu (2005) afirma que através da violência simbólica, a mulher possui dificuldade de impor a própria palavra e é por meio deste que é evidenciado no patriarcalismo as suas armas mais constantes e simbólicas.

Toda a vontade de se libertar que nasceu em Cristina, se dar pela ilusão nas falas tão certeiras e encantadoras de Daniel. E é como se essa entrega total de Cristina acontecesse a cada diálogo feito por eles, em momentos de pura reflexão, com uma deixa sempre muito filosófica por parte de Daniel. “Queria transforma-me, soprar no meu corpo um pouco de veneno, do bom e terrível veneno...” (LISPECTOR, 1995, p.40).

A sensação é de que lhe roubara o sentimento, não conseguia agir com suas próprias vontades, o discurso tão certo e objetivo de Daniel a prendia de segundo em segundo, Cristina já não era ela, estava sendo moldada a gosto de Daniel, estava entregue, dominada e a mercê do seu então amor. Aí mesmo, Daniel iniciara a educação de Cristina, ele falava e Cristina apenas ouvia, não discordava e tampouco concordaria, ele mandava, e ela era a sua aprendiz, a moça ingênua, pacata e insuficiente, como ele mesmo, em outras palavras a definia.

E assim sucedeu a dominação de Daniel com Cristina, tornando-a, segundo a personagem, nervosa, agitada e inteligente, diante do ponto de vista do processo de opressão sofrido pela jovem Cristina, se pode afirmar que o fator principal para culminar este acontecimento foi o discurso de Daniel durante a aproximação de ambos. Durante esse processo, é fácil notar que a nossa protagonista ainda não consegue diferenciar a tão sonhada “liberdade”, da subordinação em que está se permitindo viver.

Corroborando mais uma vez com Bourdieu (2005) a dominação se faz presente na “diferença”, segundo ele, quando sobre o dominado o ponto de vista que prevalece é o do

dominador, e que mesmo ele pretenda se “diferenciar”, continuará sendo um produto de uma relação histórica de diferenciação.

Para Cristina, Daniel era o seu ponto forte de proteção e força para abrir os olhos para sua tão sonhada liberdade, via nele um suporte que jamais teve de seus pais ou do seu então marido. Cristina necessitava da força de Daniel para comandá-la, para ela, ele era um ser de comando, de voz ativa, assim passando a projetar em Daniel o seu resultado maior do que ela chamava de felicidade. De certa forma, a nossa protagonista gostaria que Daniel a olhasse com pena e só assim seria provado a submissão da jovem para Daniel, o homem que ela admirava, que era inteligente e estava lhe apresentando um mundo totalmente novo.

Ainda hoje, sabemos o quanto é natural a importância do olhar do outro sobre nós e sobre o que isso implica para cada um. Este olhar do próximo faz com que, de certa forma, o corpo ganhe o seu valor, sendo assim, transformando um indivíduo num objeto de julgamento social, na maioria das vezes causando a autodepreciação. Diante disso, ao mesmo tempo que se mostra a dominação de Daniel sobre Cristina, também era perceptível que ela não buscava somente a sua própria valorização para esta ao lado dele, mas, a sua tão sonhada liberdade de vida.

“Aqueles longas conversas em que eu apenas ouvia, aquela chama que acendia nos meus olhos, aquele olhar lento, pesado de conhecimento, sob as pálpebras grossas, haviam me fascinado, acordado em mim sentimentos obscuros, o desejo doloroso de me aprofundar em não sei o quê, para atingir não sei que coisa... E sobretudo, haviam despertado em mim a sensação de que palpitava em meu corpo e em meu espírito uma vida mais profunda e mais intensa do que a que eu vivia.” (LISPECTOR, 1995, p.51).

Mesmo deixando Jaime, definitivamente, e passando a viver com Daniel, a nossa protagonista ainda estava moldada de acordo com os padrões patriarcais, sendo uma dona de casa, fazendo todos os serviços domésticos, cuidando do Daniel, e sendo aquela Cristina que tudo aceitava, tudo fazia e cumpria. É a partir desses comportamentos, que a jovem começa a questionar o seu verdadeiro valor, seu verdadeiro lugar de fala, fazendo-a de fato a conferir suas tentativas de libertação.

Diante de tudo o que foi discutido sobre a opressão vivida pela personagem principal, veremos alguns momentos em que Cristina começa a lutar por sua liberdade, onde ela passa a se igualar a Daniel, saindo da dominação do seu então opressor, aos poucos Cristina vai percebendo que ela não é inferior como ele quis que ela acreditaria, começou a perceber que ela também podia ser uma pessoa superior e independente, podia

sim ser livre como desejara, mesmo que para isso, estivesse sozinha. “Já não o ouvia premente, exaltada, como outrora. Eu nele entrara. Nada mais me surpreendia.” (LISPECTOR, 1995, p.57).

Mesmo Cristina tendo a certeza de que Daniel já não a interessava como antes, já não produzia nela o mesmo encantamento, a mesma satisfação, a protagonista temia que Daniel a mandara embora para sempre, mesmo não o amando, não tendo mais nenhum interesse no rapaz, a angústia de ser mandada embora por aquele que por dois anos fora seu amor idealizado, a confundia, apertava. O ponto final para acabar de derrubar este relacionamento, foi em um dia quando Cristina chegou tarde por causa um acidente na estrada, acabou se atrasando, e chegando em casa encontra um Daniel possesso, “casmurro”, como ela mesma o define nesse momento, um Daniel estressado, inconformado e tudo por não ter jantado.

“De repente abri os olhos, espantada. Pela primeira vez descobria que Daniel precisava de mim! Eu me tornara necessária ao tirano... Ele, sabia agora, não me despediria... lembro-me que parei com a cafeteira na mão, desnorreada. (...) Então... ele precisava de mim? Não sentia alegria, mas como um desapontamento: bem, pensei, terminou minha função. Assustei-me àquela reflexão inopinada e involuntária.” (LISPECTOR, 1995, p.58).

É nessa hora que a ficha da nossa protagonista cai, é neste exato momento que Cristina consegue enxergar a verdadeira face do seu tão perfeito Daniel, e também é nesse momento que percebemos a epifania do conto, ou melhor dizendo, o *insight* da personagem, a grande revelação e que acontece de forma repentina, costume presente nos contos clariceanos.

A partir desse momento, Daniel passa a ser igualado a Cristina, ela deixa de ser a que sofre a opressão, a submissa. Agora, ela era necessária e Daniel “fraquejara, desencantara-se.” (LISPECTOR, 1995, p.59). Os papéis se inverteram, agora Cristina sentia o sabor de triunfo, de poder de uma vez, olhá-lo de frente, e ele, por sua vez, perdeu definitivamente o seu papel de dominador. “Ele percebeu minha transformação e, se de início retraiu-se surpreso com minha coragem (...) Ele tornou-se fraco, mostrou-se como realmente era.” (LISPECTOR, 1995, p.60).

Daniel, mesmo com a certeza de que Cristina havia encontrado a sua posição como sujeito, nunca teve coragem de mandá-la embora, porque agora, os papéis haviam sido trocados, ele a necessitava, precisava dela para sentir-se vivo, mas, a partir do momento que Daniel percebe que Cristina não está mais sobre o seu domínio e prestes a ir embora,

ele a ataca novamente com seu discurso inteligente e reflexivo. Uma forma de tentar dominá-la novamente: “Não estás sós, sempre estiveste só.” (LISPECTOR, 1995, p.62).

Chega então o momento em que Daniel se iguala a Cristina:

“Encaramo-nos um momento, sem cólera, os olhos desarmados, procurando, cheios de agora de curiosidade quase amiga, o fundo de nossas almas, o nosso mistério que deveria ser o mesmo. Desviamos o olhar ao mesmo tempo, perturbados.” (LISPECTOR, 1995, p. 63).

Mesmo ficando sozinho, pois Cristina o abandona, mesmo assim, ele tenta uma última vez não se sentir inferior a ela, a que um dia foi dominada por ele, tentando se mostrar altivo e não como perdedor de uma batalha. “Via-lhe as costas, a cabeça escura erguida, como se ele olhasse para a frente.” (LISPECTOR, 1995, p. 64).

É importante dizer que a narradora relata sua história quando tudo isso já havia passado, por isso é nítido percebermos várias palavras depreciativas que se referem a Daniel, como: “Frio”, “perverso”, “irônico”, são palavras usadas por Cristina para defini-lo ao longo da narrativa. Cristina possui duas imagens construídas de Daniel, a primeira é a que ele passou na primeira vez que se viram, com a ajuda de seu discurso inteligente, e a segunda, a da sua alma dominadora, cruel, possessiva. De tudo que não era humano em Daniel. “Conheci mais tarde o verdadeiro Daniel, o doente, o que só existia, embora em perpétuo clarão, dentro de si próprio.” (LISPECTOR, 1995, p. 35).

Ela o denomina como um completo dominador, aquele que usa de seus discursos para conseguir presas fáceis, como ela um dia foi. Um Daniel amargo, fraco, e que desconta todo o seu descontentamento em quem estava ao seu lado, sendo um homem manipulador, dominante e asqueroso.

Diante de tudo isso, ainda percebemos que Cristina permanece presa nas amarras patriarcalistas, pois mesmo cortando o laço com Daniel, volta para Jaime, que a aceita de volta, mas que nunca mais a olha com os mesmos olhos. Fica então, evidente, que Cristina não encontrou o que buscava, ela retoma mais uma vez a sua vida pacata, para os costumes anteriores submetidos aos moldes patriarcais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O patriarcalismo trabalhado como um dos temas principais neste artigo traz consigo temáticas como o silenciamento feminino, a submissão das mulheres clariceanas, a falta de poder em ambas as personagens, salientando assim, a busca constante pela liberdade desejada, guiadas pelo desejo de ser livre e se libertarem das amarras patriarcais impostas dentro de casa e pela sociedade.

Gertrudes e Cristina, possuem linhas que se ligam, se conectam ao possuírem a mesma vontade e confusões ao se depararem em um meio obscuro e vazio de respostas. Gertrudes uma jovem que está saindo da sua adolescência e iniciando um novo ciclo na vida adulta, confusa com seus próprios sentimentos, vontades e vazia de respostas. Cristina, uma jovem casada e a princípio com um casamento feliz, até começar a acreditar que a sua liberdade está em um amor perfeito, que na verdade nunca existiu e assim escolhendo pela primeira vez ir em busca de sua “liberdade”.

Ambos os contos relatam duas mulheres que foram criadas para servir, e se entregaram por completo a submissão, mas que no fundo, sabiam que podiam ser muito mais do que se era permitido ser naquela era patriarcal e injusta. Através dessas indagações, procuraram meios para de fato, se tornarem livres de qualquer amarra imposta pela sociedade.

Por meio de seus contos, Clarice Lispector consegue despertar no leitor um pensamento crítico e reflexivo sobre o papel da mulher e a sua verdadeira posição perante a sociedade, está sendo o maior meio de movimentos patriarcais e misóginos.

No decorrer da análise foi possível perceber o quanto as personagens clariceanas nos contos estão enredadas em questões que envolvem a identidade, corpo e os enfrentamentos sofridos pela mulher, não só naquela época, como também atualmente.

Ao estudarmos Clarice, podemos perceber a sua luta para que a classe feminina conquiste seu espaço, seu poder de fala, dentro de um ambiente completamente misógino, preconceituoso e patriarcal. Lispector, através de seus contos adentra as regiões mais profundas psicológicas, envolvendo o leitor em cada linha escrita, fazendo com que ele realmente viva o que está sendo contado e a partir daí comece a criar a sua própria perspectiva e o desejo de se conhecer.

Durante todo o processo de análise nos deparamos com situações em que ambas as personagens se encontravam em papéis de submissas, frágeis e incapazes, logo no conto de Gertrudes, identificamos a princípio, uma jovem confusa, insegura cheia de medos, que

depois de sua consulta e não obtendo suas respostas, decidiu que ela mesma encontraria o seu caminho, seria livre, mesmo que sozinha, voaria e realizaria todas as suas vontades, uma transformação significativa da adolescência para uma nova fase.

Do outro lado, temos Cristina, que mesmo se encontrando, sentindo o gozo do poder de ser uma mulher, do seu poder de fala e de toda sua superioridade, opta pelo regresso ao invés de seguir em frente, voltando para uma vida monótona ao lado de seu marido. Deixou Daniel, mas caiu uma vez mais nas garras patriarcais.

Duas mulheres que buscavam sua liberdade, duas mulheres que ansiavam ser livres, foram prisioneiras de seus próprios medos, produziram os seus respectivos desafios em busca da liberdade, e que no final, traçaram caminhos distintos. Cada uma com as respostas que buscavam, talvez não suficientes, mas necessárias para preencher o imenso vazio de não estar em paz consigo mesma.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005
- CASTELLO, José. **Clarice na cabeceira: romances**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011
- LISPECTOR, Clarice. **A bela e a fera: apresentação de Vera Figueiredo**. 5° ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995
- LOBO, Luiza Leite Bruno. **Crítica sem Juízo**. Ed. Garamond. Rio de Janeiro. 2° edição, 2007
- MOSER, Benjamin. Prefácio. *In: Todos os contos/Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016
- NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. São Paulo: Ed. 34. 2009
- NASCIMENTO, Evando. **Clarice Lispector: uma literatura pensante**. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2017